

EDITORIAL

AO LONGO DA HISTÓRIA, artistas de diversas épocas e lugares representaram e retrataram epidemias e pandemias como uma maneira de expressar suas aflições e anseios frente a tempos difíceis. Na contemporaneidade, muito mais do que apresentar condições de subsistência, comuns aos tempos de pandemia, as produções artísticas podem assumir uma posição de resistência. A partir de trabalhos que oferecem consolo às vítimas até obras que se dedicam a refletir sobre os impactos que tais eventos causam no coletivo, artistas contemporâneos têm desempenhado um papel-chave ao reivindicarem um lugar de agência em relação à pandemia de COVID-19. A arte contemporânea pode, em vista disso, levantar questões pertinentes sobre o momento em que nos encontramos. Especialmente quando se mostra consciente não apenas dos efeitos pessoais que uma pandemia causa, como, também, quando se propõe a discutir e questionar os impactos sociais, educativos e políticos que a negligência para com a pandemia por parte do atual governo brasileiro tem provocado.

Passaram-se 19 meses desde que a Organização Mundial da Saúde classificou a disseminação do SARS-CoV-2 como pandemia e 22 meses desde a publicação da nossa última edição. Esse período tem sido marcado por incertezas nos mais diversos âmbitos, com repercussões econômicas, sociopolíticas, afetivas e também acadêmicas. Desse modo, a distinção entre vida pessoal e vida acadêmica, se é que um dia de fato existiu, não nos cabe mais. Assim, manter a revista tem sido um grande desafio e é precisamente por isso que, com satisfação, apresentamos a sexta edição da *Ícone: Revista Brasileira de História da Arte*. Com equipe renovada e sob coordenação da Profa. Daniela Kern, apresentamos, nesta edição, um dossiê especial sobre o período de isolamento social e um conjunto de artigos de temas variados.

Para integrar o dossiê, convidamos artistas, coletivos e agentes culturais que produziram iniciativas durante o período de isolamento social para compartilhar essas experiências em ensaios críticos. Compõem o dossiê o projeto *Arte como trabalho: estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da arte*, narrado por Carolina Rodrigues, João Paulo Ovidio, Luana Aguiar e Priscila Medeiros; a exposição virtual *A artista está ausente*, apresentada por Ketelyn Scrittore e Renata Daibes; o projeto *Fora da Curva*, comentado por Gisele Lima e Matheus Lucena; o *Museu Transgênero de História da Arte (MUTHA)*, apresentado por seu criador, Ian Guimarães Habib; a iniciativa *Quase-Oração*, relatada por Andrei Moura e Diego Groisman e a mostra *Tela Indígena*, organizada por Ana Letícia Schweig, Eduardo Schaan, Geórgia de Macedo Garcia e Marcus Wittmann.

Além dos ensaios críticos, esta edição traz sete artigos abordando diferentes temas: desde o modernismo brasileiro e o sistema da arte, passando por reflexões sobre gênero e sobre processo criativo, transitando pela conversa entre cinema e videoarte, e indo até a iconografia macabra medieval. Em *Anita Malfatti: as cores e formas do modernismo brasileiro*, Roberta Mendes de Sá analisa a poética, as cores, as formas e a simbologia de obras de Anita Malfatti. Ainda no contexto brasileiro, Paula Alvares Ampessan aborda as referências visuais de Cícero Dias em *Artefatos indígenas como fonte visual para o desenvolvimento dos estudos de figurino do bailado Jurupary em 1934*. Em *Correspondências de Leopoldo Gotuzzo com o Mercado da Arte*, Cecília Loureiro apresenta um estudo baseado em cartas. Daniela Barcellos Amon discute gênero no contexto da arte povera italiana em *Marisa Merz: a força simbólica da fragilidade*. Daniel Henrique Alves de Castro trata do imaginário macabro em *A iconografia da morte no final da Idade Média: um estudo sobre Dança Macabra*. Chris, The Red reflete sobre o próprio processo criativo em *Mais importante que “por onde começar?” é “para onde quero ir?”*. Por fim, Caroline Schmidt apresenta possíveis conversas entre cinema e videoarte em *Modo de produção godardiano em Sara Cwynar*.

Na capa, a sexta edição da Ícone apresenta o trabalho *Álbum de família*, da artista Pamela Zorn Vianna. O trabalho feito em lápis de cor sobre papel pólen busca, em um primeiro momento, remontar memórias pessoais da artista advindas de imagens fotográficas. A série expõe um assunto de interesse particular de Vianna porque retrata famílias interraciais, levantando questões da formação histórico-social do Brasil e do próprio estado do Rio Grande do Sul. Contudo, por conta de as pessoas desenhadas serem retratadas geralmente sem rosto, elas são ressignificadas. Conscientemente, a artista faz com que as figuras deixem de representar uma única família, abrindo espaço para que outras famílias possam se identificar e se ver também representadas em tais imagens.

Agradecimentos especiais aos pareceristas, que dedicaram seu tempo e trouxeram importantes contribuições; aos autores presentes nesta edição, cujos textos nos convidam a refletir sobre diversas inquietações, e às editoras que se despedem da Ícone nesta edição: Caroline Schmidt Patricio, Clara Siliprandi de Azevedo Marques, Clarice Sena Panizzon e Isabel Schneider Ramires. Nossas boas-vindas à nova equipe que abraçou esta sexta edição: Alexsander Candido de Britto, Amanda Patron, Laíssa Sardiglia, Letícia Azevedo Xausa, Lizângela Guerra, Marina Feldens, Nívia Ferreira de Souza, Suellen Gonçalves e Thainá Maria da Silva.

Com o desejo de uma ótima leitura a todos,

EQUIPE EDITORIAL